

Considerações sobre gênero na moda a partir da exposição *Roupa “Sem Gênero”*?

Gender Considerations in Fashion from the “Genderless” Clothing Exhibition?

Tatiane Melissa Scoz¹

Emanuella Scoz²

Resumo Este artigo busca fazer algumas considerações sobre o gênero na moda, refletindo sobre a chamada moda sem gênero a partir da exposição *Roupa “Sem Gênero”*?. Nela, a artista utilizou peças do vestuário dispostas em cabides, no chão ou nas paredes, para performar estereótipos de gênero. A partir dos estudos de Judith Butler (2013) e Paul Preciado (2014), buscou-se compreender como o gênero é criado e consentido socialmente. As discussões e considerações deste artigo indicam que aos objetos, como o vestuário, podem ser compreendidas informações de gênero mesmo sem o elemento visual corpo na composição da imagem. A pesquisa baseia-se em um Estudo de Caso e utilizou a análise de conteúdo (BARDIN, 2016) aplicada às imagens da exposição.

Palavras-chave: Gênero. Moda. Roupa.

Abstract: This article aims to make some considerations about gender in fashion, reflecting about genderless fashion, based on the exhibition “Sem Gênero”?. In that exhibition, the artist (who is coauthor of this research) used pieces of clothing arranged on coat hangers, on the floor or on the walls, to perform gender stereotypes. Based on studies by Judith Butler (2013) and Paul Preciado (2014), we pursuit to understand how gender is socially created and consented to. The discussions and considerations in this article indicate that objects, such as clothing, can be understood as gender information, even without the visual element body in the composition of the image. The research of this paper is based on content analysis (BARDIN, 2016) in a Case Study applied to the images of the exhibition.

Keywords: Clothing. Fashion. Gender.

¹ Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Professora no Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC. ORCID: [0000-0001-6858-1233](https://orcid.org/0000-0001-6858-1233). E-mail: tatiane.melissa@ifsc.edu.br.

² Doutoranda em Design pela Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC. ORCID: [0000-0002-1651-1345](https://orcid.org/0000-0002-1651-1345). E-mail: emanuella_design@hotmail.com.



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

Introdução

Este artigo se desenvolveu a partir da exposição *Roupa “Sem Gênero”?*, apresentada para o *Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler*³. O objetivo desta pesquisa é fazer considerações sobre gênero na Moda e a chamada “moda sem gênero”, utilizando como objeto de estudo a composição artística efetuada para a mencionada exposição no Festival.

A expressão “sem gênero” vem sendo difundida no campo da Moda e veiculada em peças publicitárias e revistas, dentre outras mídias de comunicação. Esta é uma expressão recente e parece não haver um consenso sobre sua terminologia.

Termos como “agênero” e “gênero neutro”, por exemplo, são usados como sinônimos para se referir à proposta de inexistência de características de gênero na vestimenta. Segundo Portinari, Coutinho & Oliveira (2018), há muitas propostas que se intitulam como “sem gênero” elaboradas por marcas como *Givenchy* e por estilistas como Vivienne Westwood, Alexandre Herchcovitch e João Pimenta, além do trabalho de Alessandro Michele para a *Gucci*. Perlin & Kistmann (2018) dão destaque para marcas brasileiras, como *PANGEA*, *Beira*, *Another Place*, *LED*, *Bem* e *Ocksa*.

No intuito de explorar a ideia de “roupa sem gênero” foi que surgiu a exposição *Roupa “Sem Gênero”?*, cuja composição contou com peças de roupas mistas dispostas em cabides, no chão ou nas paredes, formando conjuntos de vestimentas que simulavam modos de portar-se, entendidas aqui como performance no sentido que Sant’Ana (2016) dá ao termo. O conceito de performance utilizado por Sant’Anna (2016)⁴ indica uma forma de pertencer a um contexto e passar a ser signo, não apenas a utilizá-los.

Este conceito se contextualiza aqui segundo a interpretação da artista, autora da exposição e também coautora deste artigo, ao trazer a roupa não vestida num corpo, mas, ainda assim, repleta de significados culturais acerca do gênero identificáveis na

³ FIK UDESC, de 8 a 12 de fevereiro de 2020, que aconteceu no *Hall* do Bloco Branco das Artes Visuais, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em Florianópolis.

⁴ Não pretendemos aqui, nos aprofundarmos a questão da performance da roupa sem um corpo que lhe possa conferir apropriações culturais, apenas mencionar sobre o uso do termo “performance” para evitar confusões analíticas.



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

forma de sentar-se, posicionar-se, em características de forma e cor, estampas e a partir de conceitos como sensualidade e força.

Dessa forma, essa pesquisa se orientou de forma a suscitar questionamentos como: A vestimenta por si só demarca gênero? O que significa moda e roupas “sem gênero”? Para resolver esses questionamentos, além da exposição referida acima como foco de estudo, foram utilizadas algumas publicações da área de Moda sobre o tema “sem gênero”⁵, abordagem que exigiu uma breve pesquisa e contextualização sobre o termo “gênero” por meio dos conceitos de Judith Butler (2013) e Paul Preciado (2014)⁶.

A moda como um movimento social em torno dos hábitos de vestir-se, portar-se, identificar-se e comunicar-se pode ser utilizada para estudos sociais e também para estudos de gênero. O aporte teórico de Sant’Anna (2016) e Hall (2016) indicam que há, sim, construção identitária a partir da vestimenta, o que faz da Moda, dessa forma, um processo semiótico e comunicativo das compreensões individuais e coletivas atribuídas ao vestuário.

A interpretação e a compreensão de sentidos fundamentam a abordagem analítica neste artigo e, deste modo, adotamos uma abordagem que é característica da pesquisa qualitativa, segundo Martins (2008). O procedimento metodológico utilizado está mais próximo do que se define como “Estudo de Caso”, um procedimento de pesquisa que considera o contexto do objeto estudado, neste caso, a exposição *Roupas “Sem Gênero”*?

Isto posto, salientamos que este artigo abordará, em sua seção 2, conceitos de imagens e sentidos e a noção de gênero. Além disso, apresentará a referida exposição em que serão retratadas as composições visuais exibidas durante o FIK UDESC 2020. Serão apresentadas, ainda, considerações sobre a expressão moda “sem gênero” buscando conectar as análises com a exposição *Roupas “Sem Gênero”*?

⁵ Para uma leitura mais específica sobre como a ideia de moda “sem gênero” tem sido caracterizada em publicações acadêmicas da área de moda, consultar Scoz *et al.* (2019).

⁶ Cabe destacar que há outras autoras importantes para a construção de um campo de estudos sobre gênero, tais como os trabalhos de Margareth Mead (1935), Simone de Beauvoir (1980), publicado pela primeira vez em 1949, Gayle Rubin (1975) e Joan Scott (1986), por exemplo.



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

Na terceira subseção serão descritas as fotos da referida exposição e para cada foto se explicará sobre o processo criativo⁷ das composições, abordando o uso de referenciais semânticos⁸ que carregam atribuições de gênero feminino ou masculino. Esses referentes estão relacionados aos modos de ser, estar e agir em sociedade e em cada composição é importante ressaltar que a artista utilizou peças ditas como masculinas e femininas, mas sem indicar o gênero delas na exposição. O objetivo era, justamente, levar o observador a refletir se a vestimenta, sem habitar um corpo, teria demarcação de gênero em sua composição.

Para interpretar as fotos e fazer a descrição do processo criativo apresentado pela artista na exposição *Roupas “Sem Gênero”*, foi utilizada a análise de conteúdo segundo Bardin (2016). Essa análise buscou compreender as características relacionadas ao gênero e atribuídas pela artista em suas composições. A partir disso, foi possível categorizar determinados condicionantes comportamentais de gênero, como agressividade e despojo, para o gênero masculino, leveza e sensualidade, ao demarcar as curvas do corpo, para o gênero feminino.

A partir da referida exposição, buscou-se abordar alguns fatos para compreendê-los melhor com o intuito de estimular a reflexão sobre aspectos sociais que, nesse caso, envolvem as definições de gênero produzidas por nossa sociedade. Espera-se, assim, que a partir das considerações propostas neste artigo, seja possível contribuir com as discussões acerca da moda “sem gênero”.

Nesse sentido, compreendeu-se que, na exposição, a roupa por si só não pode caracterizar o gênero, uma vez que só foi percebido no conjunto de referentes simbólicos atribuído às composições que fazem menção ao comportamento humano e cuja atribuição se dá socialmente em função da classificação binária de gênero. Assim, o

⁷ Compreende-se como processo criativo desde a ideação das performances de gênero elaboradas para a proposta da exposição, que compreenderam a escolha dos referentes semânticos comportamentais e da vestimenta, até a montagem e a finalização.

⁸ Referencial semântico, no conceito de *design* semântico de Krippendorff (2006), pode ser compreendido como as qualidades simbólicas dos artefatos em sua relação histórica, social e cultural com o ser humano.



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

gênero pode ser performado nas roupas a partir dos conhecimentos culturais acerca do que é definido por feminino e por masculino.

Considerou-se, ainda, que o termo “sem gênero”, no conceito trazido pela Moda no sentido de um vestuário sem informações de gênero, não funciona, uma vez que o gênero é uma construção cultural, logo, é interpretado e compreendido nos objetos do vestir-se, portar-se, identificar-se etc. por seus observadores ou usuários.

Assim, a História nos mostra que o vestuário tem uma estreita relação com as construções miméticas individuais e coletivas, dentre as quais a do gênero. Para a abordagem aqui proposta é necessário apresentar, mesmo que brevemente, a noção de gênero e a relação do vestuário com as construções culturais, sobretudo, aquelas que remetem ao corpo. Os tópicos que seguem se dedicam a essas discussões.

Percurso e conceitos da exposição roupas “sem gênero”?

A partir do estudo dos objetos de moda, suas composições e imagens mentais, bem como por meio do estudo dos trejeitos, performances, hábitos e ações que se relacionam à moda e ao ato de vestir-se, despir-se e portar-se, por exemplo, é possível compreender os referenciais semânticos que compõem determinadas culturas. A seguir, passamos a abordar a exposição *Roupas “Sem Gênero”?*, iniciando com os conceitos de imagem e produção de sentido.

Imagem e produção de sentido

Barthes (1990, p. 78), ao estudar “[...] a estrutura dos objetos sociais, das imagens culturais, dos estereótipos, tanto nas sociedades arcaicas como em nossas sociedades modernas tecnicistas”, propôs-se a olhar sobre a moda determinando os artigos do vestuário na gama de objetos que são veículos de signos e indicando-a como algo que se exprime no coletivo. Dessa forma, como linguagem semiótica, a moda atua como transporte de signos e tem, no vestuário, sua forma observável mais referenciada.

O estereótipo de Barthes (1990) se compreende como algo que, encontrado no signo significativo para a cultura no qual está inserido, faz parte dele e apresenta-se



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

como uma imagem mental não reflexiva, mas compreendida e repetida, ou repetível. Dessa forma, em artefatos como os vestuários, por exemplo, há signos que contêm estereótipos e que podem ser estudados por meio da análise dos referenciais semânticos ou dos elementos visuais, táteis, gustativos, olfativos e auriculares que estão imbuídos desses estereótipos. Nesse sentido, para Hall (2016), os atributos de gênero e seus valores tornam-se cultura a partir do reconhecimento coletivo do signo.

Segundo Oliveira (2007), por sua vez, as valorações se expressam nos objetos pelas imagens estéticas, como as da moda, por meio de elementos, a saber, repetições, rebatimentos, contrastes, desequilíbrios, clareza, ambiguidade, simetria, linearidade, harmonia, desarmonia, irregularidade, movimento, dentre outros, que se expressam nas cores, nas formas e nos tecidos, por exemplo.

Os elementos estruturantes que compõem imagens e artefatos foram o ponto de partida da artista da exposição *Roupas “Sem Gênero”?* para performar, nas composições de vestimenta, os signos de gênero. Por isso, se pode dizer que o processo criativo da artista evidencia a intenção de conduzir o observador a compreender um gênero ou a ausência dele nas composições.

Em sua exposição, a artista buscou signos que referenciavam comportamentos socialmente esperados de cada gênero, aplicando-os às peças do vestuário do gênero oposto e, nessa formulação, percebeu a manifestação da norma binária.

As imagens da exposição serão analisadas tendo em vista o contexto cultural de uma sociedade heterocentrada e, para isso, a seguir, serão discutidas algumas noções de gênero a partir de Butler (2013) e Preciado (2014) para elucidar esse contexto.

Noção de gênero: Butler (2013) e Preciado (2014)

Butler (2013) e Preciado (2014), apesar de divergirem em alguns aspectos, possuem influências dos estudos de Michel Foucault⁹ e entendem gênero como uma

⁹ Para saber mais sobre tais influências, acesse: Preciado (2014), Butler (1987), Spitzner (2017) e Haddock-Lobo (2016).



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

construção social, portanto, que não é dado biologicamente, não é natural. Isso significa entender que gênero é uma invenção da sociedade.

Butler (2000; 2013; 2015) e Preciado (2014) compreendem que, na cultura ocidental, sexo e gênero estão balizados em normas heterossexuais, binárias e impostas como padrões heteronormativos. Essas normas nos dizem como deve ser masculino/feminino, macho/fêmea, homem/mulher e, em função delas, somos socializados nessas normas e as reproduzimos.

Conforme Butler (2000), gênero não depende de sexo. Masculino e homem, feminino e mulher são classificações que a sociedade atrelou e normatizou como natural. Sexo e gênero são performativos, ou seja, é algo que fazemos e que é formado por práticas discursivas, ou seja, os corpos são interpretados por meio de significados culturais. Os sujeitos são identificados como homem ou mulher a partir do modo como se comportam e a vestimenta se tornou um elemento que colabora com a forma pela qual se percebe essa identificação.

Para Preciado (2014), gênero não é somente performativo, antes de tudo é prostético, pois se dá na materialidade dos corpos. Assim, elementos como seios, barba, maquiagem e peças de vestuário podem compor próteses e, por sua vez, são significadas socialmente, recebendo valorações sobre o gênero.

Importante destacar que, nessa compreensão, o corpo não é matéria passiva dos discursos e práticas de gênero. Assim, o estudo do que Preciado (2014) chama de próteses ou dispositivos sexuais tem o intuito de desnaturalizar as noções tradicionais de sexo e gênero na tentativa de romper com a heteronormatividade.

Para Butler (2013, p. 37), “[...] as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero”. Por “gêneros inteligíveis” a autora se refere àqueles que estão em conformidade com a norma padrão instituída de sexo, gênero, prática sexual e desejo. As noções do que se entende por feminino e masculino são um exemplo de elementos culturais cujos significados foram elaborados ao longo da história.



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

Em nossa sociedade fazemos a distinção binária que caracteriza os corpos em um ou outro, masculino ou feminino. Dessa forma, existem normas que imperam como padrões, definindo os corpos tal como as pessoas aprendem como sendo homem ou mulher. Logo, é possível que a roupa, ou as peças do vestuário sem um corpo, receba características de gênero “inteligíveis”? Estaria a roupa isenta de atributos de gênero? A seguir abordamos estas questões e o processo criativo da exposição *Roupa “Sem Gênero”*?

*Percorrendo a exposição Roupas “Sem Gênero”?*¹⁰

A exposição *Roupa “Sem Gênero”* teve como propósito central refletir se a roupa poderia estar isenta de atributos de gênero. Sant’Anna (2016) indicou que a roupa recebe sentido ao habitar um corpo, absorvendo dele os signos já construídos para corpo feminino ou masculino, no entanto, isso não isenta a possibilidade de a roupa poder ser atribuída estes sentidos sem a imanência do corpo.

Durante meu processo criativo apurei desde o título das peças até as composições e montagens feitas. Para gerar um título de impacto e que pudesse expressar o questionamento para o leitor, a proposição “Sem Gênero” foi colocada entre aspas e com ponto de interrogação ao final da sentença. Com as aspas, busquei dar ênfase e indicar que o termo não foi uma criação própria, já que vem sendo utilizado nas mídias, lojas e marcas de moda. O ponto de interrogação foi inserido ao fim da sentença como parte da escolha discursiva a fim de questionar sobre a possibilidade de desprover uma roupa de um gênero.

O título foi uma provocação para o público observador da exposição e também um questionamento pessoal. Há a possibilidade de se desprover a roupa de características de gênero? Seria possível, numa sociedade heteronormativa e binária, a ausência de gênero nos artefatos de vestir? Ou, ainda, seria possível, nessa mesma sociedade,

¹⁰ Nesta sessão, o processo criativo da exposição será apresentado em primeira pessoa pela artista, que é também coautora deste artigo.



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

identificar outros gêneros que não feminino ou masculino? Esses questionamentos são pertinentes uma vez que a venda de produtos referidos como “sem gênero” é uma proposta de *marketing* na qual se espera que o consumidor utilize qualquer peça, lembrando o unissex.

Portinari, Coutinho & Oliveira (2018) empregam os termos “plurisex”, “*genderless*”, “*gender-bender*” e “agênero” para se referirem à moda “sem gênero” e nos estudos de Pereira & Freitas (2017), os autores designam a moda “sem gênero” como “agênero” ou “gênero neutro”. Em ambos os estudos, moda “sem gênero” é caracterizada como uma proposta para desvincular estereótipos e vestir de forma igual, sem marcadores de gênero.

Assim, a proposta de roupa sem gênero vende a ideia de que o consumidor poderá escolher a roupa que gostar, vesti-la e performar-se independentemente do gênero com o qual se identifica, até mesmo quando não se identificar com nenhum.

Após séculos de uma regra binária, parece impossível que ao vestir uma roupa não fossem identificados os atributos de gênero que vemos na atualidade e que englobam a vestimenta, pois eles trazem conotações sobre os comportamentos que eram esperados das mulheres e dos homens desde o século XI, mas, principalmente, a partir do século XX¹¹.

Não só sobre a forma instaurou-se um código, mas sobre objetos e cores também. Discuto isso em um artigo meu (SCOZ, 2019, p. 16), em que saliento que “[...] um homem de fraque e cartola durante o século XIX representava mais seriedade que um monarca”, indicando que essa representação era dada pela roupa do burguês, pela sua diferença em relação à roupa do monarca.

Essa diferença era caracterizada por cortes sóbrios e poucos detalhes marcantes no primeiro caso e, no segundo, era marcada por volumes, recortes e detalhamento extra. Os cortes retos foram associados à sobriedade e os volumes e exageros à

¹¹ Mais sobre essas transformações podem ser vistas na obra de Scoz *et al.* (2019).



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

futilidade, integrando o senso comum no rol de valorações atribuídas à vestimenta, o que foi difundido nos estereótipos, nas comunicações e pela moda.

Durante as transformações sociais que foram marcadas nas roupas durante o século XIX, o Brasil vivia um período chamado Estado Novo. Nesse momento, houve o que ficou conhecido como “a grande renúncia masculina”, marcada pela renúncia das cores e dos brilhos que lembravam as roupas das Cortes, afastando dos homens um mundo considerado fútil e superficial. Este mundo “[...] foi tornado domínio exclusivamente feminino” (FEIJÃO, 2011, p. 33), quando, aos homens, foi dada a função do trabalho e do progresso e, às mulheres, a continuidade do luxo e da sedução (FEIJÃO, 2011, p. 33).

Nesse sentido, podemos dizer que a sociedade definiu, a partir de atributos físicos e comportamentais, o que são corpos masculinos e femininos e o que cabe aos homens e às mulheres. A modelagem das roupas, que é feita de acordo com o tamanho do quadril, do busto, entre outras medidas, seguiu essas definições, estabelecendo vestuários específicos para esses corpos normatizados por construções sociais.

Ao pensar nisso tudo à luz da minha exposição na Feira, identifiquei que uma peça inserida em um corpo já teria a atribuição de gênero. Ao tentar pensar além da lógica feminino/masculino, busquei observar a composição do vestir de pessoas não binárias e o que reconheci foram elementos que me transportavam sempre ao feminino ou ao masculino. Então, busquei focar nos estereótipos de gênero que são difundidos na cultura ao qual pertencemos e que é heteronormativa.

A exposição se baseou no tema moda “sem gênero” e foi composta por diferentes acessórios e peças de roupas montadas em cabides, nas paredes e no chão. A escolha das peças para a exposição seguiu o critério de que pudessem ser utilizadas por pessoas de qualquer identificação de gênero e, com isso, queria chegar na roupa sem gênero.

Para o repertório da exposição, escolhi camisetas, jaleco branco, calça de moletom, calça *jeans*, bermuda *jeans* e, em casos em que a peça é especificamente feminina, como a meia calça, por exemplo, busquei por uma meia que fugisse da



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

proposta de sedução, escolhendo uma meia grossa e de lã, ao invés de uma meia fina de nylon.

Na descrição das peças e das montagens da exposição, que será relatada a seguir, não pretendo essencializar, naturalizar, nem reforçar noções do senso comum tomadas como verdades sobre sexo e gênero. Pelo contrário! A intenção é problematizar tais questões e levar o leitor a questionar se há possibilidades de subverter essa norma, se é possível uma moda sem gênero.

Para a composição apresentada na Figura 1, utilizei peças com tons escuros e ausência de estampas.

Figura 1



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Nesta composição da Figura 1, busquei transparecer despojamento, desinteresse, comportamento desprovido de regras de etiqueta, com a perna bem aberta e com os joelhos da calça amarrotados. Os braços da camisa estão jogados sobre o corpo, com os punhos inseridos nos bolsos, algo muito representado em campanhas publicitárias de moda masculina.

Optei pelo cachecol de material grosso, que não permite construções complexas no corpo. A composição dele foi desprovida de qualquer curvatura, indicando apenas um “jogar” sobre os ombros. Sua textura é quente e macia, o desenho não tem curvas, são linhas retas em tom sobre tom, de cores terrosas. Assim, esperava que esse acessório



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

ficasse o mais masculinizado possível, apesar de ser uma peça feminina de acervo pessoal.

Além disso, ergui os ombros da camisa para representar ombros largos, comumente relacionado ao masculino, o que demonstra que as caracterizações de comportamento e referentes visuais de gênero utilizadas transmitiram, mesmo sem um corpo, representações tidas como masculinas.

Na composição da Figura 2 também fiz uso das características masculinas:

Figura 2



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020)

Escolhi uma jaqueta de *nylon*, uma camisa *t-shirt* branca sem estampa e uma meia calça de lã preta. A calça chama a atenção por ser desproporcional em relação ao tamanho da jaqueta, o que dá à jaqueta a alusão de mais volume, aprofunda a ideia de ombros largos e de tronco grande. A gola foi deixada erguida para representar algo fora de sua norma de uso e, com isso, expressar liberdade no portar-se. Essa liberdade rememora os aviadores americanos retratados em filmes da década de 1950 que, para mim, transparece certa autoridade, pois permite contrariar a norma de uso da roupa e indicada pela gola erguida.

Alinhei as mangas ao centro, à frente, levando o olhar para onde estaria o falo. Nos ombros há enchimentos com ombreiras, que mantêm o ombro erguido remetendo,



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

mais uma vez, à norma de corpo tido como masculino, ou seja, aquele que tem porte firme. Talvez, ainda, faça alusão a um corpo musculoso, ao porte militar, aos ternos masculinos do século XX.

Deste modo, busquei provocar reflexões aos espectadores guiadas pelos sentidos e pela experiência estética ao vivenciar as composições. Assim, é possível que, para alguns, os conceitos sobre masculino tenham parecido mais violentos e, para outros, os conceitos de feminino tenham parecido mais ambíguos. A forma como o espectador percebe a obra é individual e intransferível, mas a referência à binaridade na exposição, e nessa pesquisa, foi percebida como norma vigente.

Na Figura 3, duas peças da composição foram uma camisa *t-shirt* branca e uma calça de moletom esportiva de cor cinza escuro. Nessa composição, tentei retirar os atributos reconhecíveis de gênero.

Figura 3



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020)

No entanto, ao efetuar a postura de pernas cruzadas, o quadril aparentou ser mais largo e me pareceu uma postura sutil. Ao inserir a camisa dentro da calça, nas laterais, percebi que o volume da cintura pareceu diminuir. Não inseri volume nos ombros e preferi deixá-los na largura normal da camiseta, comum ao vestuário masculino e, tal como a calça, estiquei e coleí na parede com fita dupla face.



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

Assim, ao observar a composição, entendi que as pernas cruzadas, a camisa colocada por dentro da calça e a aparência dos volumes gerados simulavam uma condição mais esperada ao comportamento ensinado e apreendido como sendo feminino.

Já a composição apresentada na Figura 4 foi elaborada com peças da sessão masculina, dispostas segundo o senso comum acerca do que é o feminino. Nessa imagem, pretendi testar se a roupa masculina disposta de modo a imitar o comportamento feminino iria comunicar signos masculinos. É possível observar que essa proposta gerou afunilamento da cintura, sendo mais marcada na altura de onde seria o umbigo se estivesse vestida, indicando que o objeto carrega em si características do corpo.

Figura 4



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020)

As mangas da camisa estão mais próximas da cintura, uma posição comumente utilizada por mulheres em fotografias de campanhas publicitárias de moda. A camisa possui um nó na região da cintura, a calça, por sua vez, está dobrada na região da canela e teve o cós alinhado na largura da cintura da camisa.



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

Deste modo, a calça e a camisa possuem referentes semânticos masculinos, como a estampa geométrica, o tecido grosso e as cores em tons terrosos. Ainda assim, a linguagem transmitida é cheia de estereótipos comportamentais do gênero feminino.

Ao analisar a imagem, me questionei se essa composição, em seus trejeitos, poderia ser utilizada por um indivíduo masculino sem que a ele fossem atribuídos os estereótipos de feminilidade. Conclui que, provavelmente, não seria possível. Logo, a questão do gênero na vestimenta comprova ser algo que não pode ser atribuído somente à roupa ou à existência de um corpo, mas, sim, somar a eles trejeitos comportamentais esperados segundo a norma binária de gênero da sociedade heterocentrada na qual me encontro e nos encontramos todos.

A composição da Figura 5 mostra um arranjo de peças comuns de uso diário. A *t-shirt* utilizada é uma peça que foi vendida como masculina e a bermuda é uma peça que foi vendida como feminina. Escolhi a bermuda *jeans* e a *t-shirt* porque podem fazer parte das composições de vestimenta de homens e de mulheres, distinguindo-se pelos adereços, cores e formas, peças que não tivessem excessos, nem cores fortes, detalhes, cortes, adereços ou brilhos para criar uma composição “neutra”.

Figura 5



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020)

A posição em que a camisa foi aplicada sobre a bermuda, passando do cós e sem buscar criar um apelo visual, bem como o comprimento maior que foi dado para a



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

bermuda e a inexistência de brilhos, aplique ou coloridos estridentes, podem indicar os estereótipos atribuídos ao gênero masculino, como a sobriedade, o despojamento e uma composição mais reta, sem alusão à curvatura da cintura. Mesmo sem fazer menção a um corpo masculino, a composição pode ser masculinizada pela falta de excessos, falta de curvas, falta de decotes e de cavados e pela não alusão de um corpo à mostra.

Uma observação das características plásticas dos objetos, a saber, da forma e da cor, indicou não haver aspectos estéticos de empecilho ao seu uso por pessoas com qualquer identificação de gênero. Essa composição poderia habitar um corpo sem gerar identificação de gênero? A partir desta pesquisa, considero que a resposta seria negativa, uma vez que, ao habitar o corpo, seriam atribuídos ao objeto elementos característicos do corpo tido como feminino ou masculino e a forma de portar-se e de identificar-se levaria à concepção de uma ou outra característica, denotando binaridade.

A partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2016) das composições da exposição foi possível categorizar dois gêneros específicos: o masculino e o feminino. Eles percorreram as imagens mentais da artista em seu processo criativo e mesmo ao tentar desprover uma roupa de um determinado gênero, via-se aplicando caracterizações que levariam a compreensões acerca de algum gênero conhecido.

Essas duas categorias de gênero são, em si, o signo e a cada uma delas são atribuídos os estereótipos, os quais compreendidos e difundidos coletivamente, são constituídos como cultura. Seria, então, possível subverter a norma binária por meio da vestimenta? Neste artigo, não esperamos dar resposta a esse questionamento, uma vez que ele surgiu a partir de um confronto conceitual, ou seja, de um lado, uma indústria que espera não vincular ou desapropriar caracteres de gênero das roupas, e, de outro, pesquisas em ciências sociais que afirmam que o gênero é uma formação social e cultural.

Ao observar as roupas montadas na exposição, compreendeu-se a capacidade de expressão de sentidos, mesmo sem o corpo que as veste, pois cada montagem buscou imitar uma postura, uma atitude ou um comportamento de corpos baseados nos



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

estereótipos de gênero. Sem dúvida, esses significados ficam mais evidentes quando materializados em corpos, como próteses, no sentido que Preciado (2014) dá ao termo.

Conforme Santos (2018, p. 5), com base na noção de gênero investida por Preciado (2014):

[...] podemos pensar também nas lojas setORIZADAS de roupas, de calçados e de brinquedos como materializações do binarismo de gênero nos espaços arquitetônicos. Além disso, as próprias roupas, sapatos e brinquedos expostos para venda nesses estabelecimentos comerciais objetificam em si a divisão presumida de gostos, comportamentos e interesses. Entre outras materialidades, banheiros, lojas, roupas, sapatos, brinquedos, embalagens, imagens, anúncios publicitários, quando implicados em clivagens de gênero, não estão só repetindo um fenômeno existente no mundo social. Estão reforçando valores e ajudando a naturalizar noções que são culturalmente construídas de feminilidades e masculinidades. Estão servindo como veículos para que conhecimentos específicos sobre gênero e sexualidade circulem na sociedade (SANTOS, 2018, p. 5).

A roupa pode caracterizar gênero, reproduzindo os significados socialmente atribuídos ao que é tido por feminino e masculino. Tal binaridade só existe porque a sociedade assim a significa e nossos comportamentos estão moldados a partir de tais caracterizações. Assim, essa norma se materializa nos discursos sobre o corpo, sobre as ações, sobre o cotidiano, sobre o vestir e sobre o andar.

Deste modo, dizer que uma peça do vestuário não contém valores de gênero seria o mesmo que dizer que os valores culturais sobre o gênero não foram identificados naquele produto, que não foram reconhecidos pelo observador e, portanto, não são signos, não fazem parte de uma cultura.

Considerações Finais

Diante de todas as considerações feitas até aqui, a seguinte questão pode ser colocada: a intenção dos atributos postos na vestimenta separados de um corpo, podem ser atrelados à ideia de roupa “sem gênero” tendo em vista as classificações sociais a respeito de gênero? A partir da exposição apresentada entendemos que, dependendo do contexto em que se encontra, a roupa pode, sim, caracterizar gênero mesmo sem um corpo.



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

A exposição *Roupa “Sem Gênero”?* buscou estimular a reflexão acerca das características de gênero na roupa. Este estímulo é parte do objetivo de questionar as construções sociais binárias e heteronormativas acerca do gênero de modo geral.

Ademais, a partir da interpretação da cultura atrelada à moda, nesta pesquisa observou-se que significados são dados às identidades de gênero, os quais são atribuídos aos artefatos que os compõem em cada elemento estruturante. Não há neutralidade possível, uma vez que cada elemento em si já expressa signos repletos de estereótipos.

Mesmo utilizando elementos estruturantes que expressam gêneros diferentes entre si, recai sobre o artefato a soma interpretativa do observador que, por sua vez, vai replicar as noções de gênero por ele apreendidas ao longo da vida. Mesmo a noção de uma identidade “sem gênero” será imbuída de significados e isso não é, de fato, neutro.

A ideia de algo “sem gênero” implicaria ausência de gênero, o que nos parece ser a não atribuição de sentido ou valor relacionado a gênero. A ação de não atribuir valor ou sentido ao mundo implicaria a não comunicação semiótica e, a este ponto, uma mudança profunda na forma como nos constituímos como sociedade.

Ficou evidente nessa pesquisa a existência de um discurso sobre o que se entende por feminino e por masculino. As imagens apresentadas na exposição *Roupa “Sem Gênero”?* permitiram interpretar esse discurso que é baseado em estereótipos de gênero, identificados em campanhas publicitárias de moda e, de modo geral, presente em várias esferas sociais, permeando uma visão de mundo e um melhor entendimento sobre os comportamentos sociais.

A partir de Hall (2016), se pôde entender que outras formas de identificação além da lógica binária só farão parte da cultura quando aceitas coletivamente. Dessa forma, essa lógica poderia ser identificada na vestimenta e, nesse sentido, a produção de outras identidades de gênero nas roupas poderia ocorrer, mas, para isso, seria preciso romper com a heteronormatividade.

Segundo Butler (2013), a subversão ao dualismo sexual é possível, mas deve ocorrer no interior da própria norma, o que não quer dizer que tal subversão implique anulação do gênero ou sua falta. Butler (2015, p. 2) salienta: “[...] nunca pensei que



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

precisaríamos de um mundo sem gênero [...] nós não podemos ignorar a sedimentação das normas sexuais [...] mas nós podemos procurar aquelas que melhor nos sirvam”.

Nesse sentido, reside aí a ideia de subversão às normas hegemônicas de identidades de gênero e, por isso, para Preciado (2014), às próteses também são um exemplo de que as construções de identidades de gênero tanto podem reproduzir e reforçar as normas hegemônicas, como podem romper e questionar essas normas.

Portinari, Coutinho & Oliveira (2018, p. 154) se perguntam: “[...] em que medida a moda pode ser desviante em relação à norma? Até que ponto consegue efetivamente atuar como crítica ou desconstrução da normatividade?”. As autoras também questionam se a ideia de moda “sem gênero” não seria “[...] mais uma ação mercadológica da indústria, visando oferecer aos consumidores uma oferta mais abrangente de escolhas como forma de ampliar as possibilidades de mercado”, servindo, portanto, aos interesses da indústria da moda que se apropriou das reflexões de gênero.

Contudo, fato é que a moda é elaborada pela cultura, mas também reflete e reproduz elementos culturais. Logo, numa cultura em que há normas de gênero instituídas como padrões, ela reproduzirá tais padrões. Entretanto, quando esses padrões são questionados, a moda poderá ser tratada como um catalisador, um comunicador, um meio de tentar repensá-los.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARTHES, Roland. O Grão da Voz. In: BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Trad. Lea Novaes. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 2.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2. Ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2000.



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BUTLER, Judith. Entrevista: Judith Butler. [Entrevista concedida a] Le Nouvel Observateur. **Geledés, Portal Geledés**, 22 jan. 2015. p. 1.

BUTLER, Judith. Subjects of Desire: Hegelian Reflections. *In: Twentieth-Century France*. New York: Columbia University Press, 1987.

FEIJÃO, Rosane. Smartismo: elegância masculina e modernidade no início do século XX no Rio de Janeiro. *In: BONADIO, Maria Claudia; MATTOS, Maria de Fátima da S. Costa G. (org.). História e cultura de moda*. São Paulo: Estação das letras e cores, 2011.

HADDOCK-LOBO, Rafael. Preciado e o pensamento da contrassexualidade (Uma prótese de introdução). **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 77-92, 2016.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora APICURI / PUC-Rio, 2016.

KRIPPENDORFF, Klaus. **The semantic turn: a new foundation for design**. Boca Raton: Taylor & Francis Group, 2006.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2. Ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

MEAD, Margaret. **Sex and temperament in three primitive societies**. New York: William Morrow, 1935.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho. **Moda também é texto**. São Paulo: Rosari, 2007.

PERLIN, Rafaela Luvison; KISTMANN, Virginia Borges. A percepção da moda sem gênero na visão do público. *Estudos em design*, 2018. p. 5-28.

PORTINARI, Denise Berruezo; COUTINHO, Fernanda Ribeiro; OLIVEIRA, Janara Morena da Silva de. Moda agênero: uma proposta de moda que desconstrói as fronteiras de gênero? **Revista Dobras**, v. 11, n. 23, p. 140-156, 2018.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 Edições, 2014.



Considerações sobre Gênero na Moda a partir da exposição Roupas “Sem Gênero”?

Tatiane Melissa Scoz & Emanuella Scoz

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the ‘Political Economy’ of Sex. In: REITER, Rayna (Org.). **Toward an anthropology of women**. New York: Monthly Review Press, 1975.

SANT’ANNA, Mara Rubia. **Teoria de moda**: sociedade, imagem e consumo. São Paulo: Estação das letras e cores, 2016.

SANTOS, Lino Gabriel Nascimento dos. “*Não tinha espaço pra mim nessa história*”: moda, raça e resistência no espaço escolar. Dissertação (Mestrado em Antropologia) , Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2018.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1985.

SCOZ, Emanuella *et al.* (Org.). **A ROUPA**: a evolução da Roupas em sua Relação com a sociedade. Do ano 1000 d.C. até o século XX. 2. Ed. - Blumenau: AmoLer, 2019.

SPITZNER, Marcelo. Judith Butler e Michel Foucault: considerações em torno da performatividade, do discurso e da constituição do sujeito. **Web Revista Discursividade**, n. 19, p. 01-23, 2017.

ZAMBRINI, Laura. Olhares sobre moda e design a partir de uma perspectiva de gênero. **Revista Dobra[s]**, v. 9, n. 19, p. 53-61, 2016.